

BIBLIOGRAPHIA

A MORFÊA NO BRAZIL, ESPECIALMENTE NA PROVINCIA DE S. PAULO,
PELO DR. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES. RIO JANEIRO 1882.

I

Na *Gazeta Medica* de Outubro ultimo noticiamos o publicação de um novo livro com que o Sr. Dr. José Lourenço de Magalhães dotou a nossa litteratura medica, e promettemos emittir no seguinte numero o nosso juizo acerca do merito da nova producção scientifica do eminente collega; forçoso foi, porem, addiar o cumprimento da nossa promessa, não só por termos que attender a trabalhos de mais urgencia, como tambem porque a obra de que agora nos vamos occupar exigia muito maior attenção do que aquella que a principio nos pareceu compativel com o tempo que contavamos poder consagrar á sua leitura, e ao estudo das variadas faces pelas quaes é alli tratado o assumpto.

O nome do auctor do livro que temos á vista não é o de um desconhecido na nossa litteratura contemporanea; é o de um dos poucos trabalhadores da nossa classe que reúne á sua provada aptidão e perseverança para emprehender e levar ao cabo estudos scientificos sobre variados ramos de conhecimentos profissionais, a coragem de lhes dar curso pela imprensa em um paiz onde sabe que terá muito limitado numero de leitores que concedam aos seus trabalhos mais do que um olhar de curiosidade transitoria. Dizemos—coragem, porque é realmente para desanimar os mais resolutos lidadores da profissão medica em nosso paiz, que se aventuram aos azares da publicidade, verem-se rodeados pelo vacuo da indifferença do maior numero, que é o d'aquelles que systematicamente acreditam, como n'uma verdade demonstrada, no preconceito de que nada podemos adiantar na sciencia que cultivamos, que nada podemos

produzir que tenha valor e apreço deante dos extranhos, que nos devem eternamente ensinar tudo, sem que em troca tenham a apprender de nós cousa alguma.

Não é, porém, este o sentir do auctor da *Morfêa no Brazil*; as suas já bastante numerosas publicações precedentes, e aquella de que agora nos occupamos denunciam claramente o pensamento que o guiou no patriotico empenho de discutir questões de elevado interesse scientifico, social e humanitario, que é contribuir cada qual na esphera da sua actividade intellectual para accrescentar com os fructos do seu trabalho o patrimonio commum da litteratura medica brazileira.

Infelizmente o auctor da *Morfêa no Brazil* tem tido raros imitadores no empenho de servir o seu paiz em commettimentos de tal magnitude como a d'este de que vamos dar conta aos nossos leitores; e por serem raros os que se abalançam a obras de maior vulto é que o apparecimento de um livro consagrado ao estudo particular de qualquer questão profissional assume as proporções de um successo que a imprensa medica tem por dever registrar em seus annaes, e apreciar á luz da critica imparcial.

II

O Dr. José Lourenço não escreveu um tratado, ou, como se diz modernamente, uma monographia completa da elephantia-se, nem mesmo em relação ao Brazil; as suas investigações não se extendem nem ás intrincadas questões da primitiva sede anatomica e da pathogenese, nem ao dedalo da therapeutica apparentemente opulenta, mas na realidade pobrissima de recursos, d'esta celebre molestia que opprime a humanidade por dilatada serie de seculos; o seu proposito não foi estudar a morpheia em relação á pathologia propriamente dicta, mas em relação á hygiene publica e individual, e ás questões correlativas que interessam á sociedade em geral e ás familias em particular. Assim, o auctor occupa-se successivamente com a distribuição da molestia e sua frequencia nas provincias do Brazil, com

os hospícios de leprosos que existem no paiz, com a questão de saber se os nossos indigenas foram primitivamente ou são ainda hoje affectados pela morphéa, com as causas provaveis d'esta affecção no paiz e fóra d'elle, e termina por uma serie de conselhos hygienicos como corollario das suas investigações.

III

O auctor não se occupa de questões de synonymia; chama a molestia simplesmente *morféa*, servindo-se em orthographia sonica do termo popular pelo qual a conhecem inscientes e eruditos em todo o paiz; haverá n'isto, provavelmente, uma razão de conveniencia, e desculpavel por não ser o livro exclusivamente destinado á leitura dos profissionaes, senão tambem á de todas as pessoas de qualquer classe, que se interessem pela prosperidade do paiz, e podem directa ou indirectamente influir nas importantes questões de salubridade publica ou de policia medica e de medicina administrativa.

No terreno scientifico, porem, o termo empregado — *morféa* — tem o inconveniente de ser applicado a mais de uma affecção cutanea, diversas na apparencia e gravidade (*morphœa maculosa, alba lardacea, atrophica, nigra* etc.) as quaes teem de commum entre si um aspecto anormal e persistente da cor da pelle, e da compleição do doente.

Para evitar confusão seria melhor adoptar simplesmente o nome generico *Elephantiase* para designar o mal de S. Lazaro, e *Elephancia* para a enfermidade conhecida por elephantiase dos Arabes, como já em 1820 propoz, e adoptou no seu *Ensaio dermosographico* o Dr. Bernardino Antonio Gomes, pae, e depois d'elle outros auctores portuguezes. Aquelles dous termos simples distinguem perfeitamente as duas molestias, que andaram por algum tempo confundidas por causa da identidade de nome, uma vez que os escriptores adoptem de commum accordo aquelle judicioso alvitre.

O nome *lepra* que alguns auctores adoptam ainda hoje para designar o mal de S. Lazaro, tem tantos ou mais inconvenientes

do que o de *morphéa*, por ser também applicavel a mais de uma dermatose, o que ainda corrobora as razões que actuaram no espirito do notavel dermatologista portuguez para preferir o termo elephantíase, como denominação generica.

IV

No primeiro capitulo, que serve de introdução ao livro, refere o auctor como em 1844 fôra pelo ministro do imperio submettida ao juizo da Academia Imperial de Medicina uma memoria sobre a elephantíase escripta pelo Dr. Favre, incumbido pelo governo de estudar as aguas de Caldas Novas (Goyaz) que eram reputadas efficazes contra aquella molestia.

Este medico estudára as aguas e a molestia, e sobre um e outro assumpto dêra pareceres, que foram remettidos ao governo acompanhados de uma carta, na qual a respeito da elephantíase aconselhava medidas hygienicas tendentes a tolher o desenvolvimento d'ella.

Allude á pouca diligencia da Academia em occupar-se com aquelles pareceres, á insistencia do ministro do imperio por uma decisão, que afinal, depois de discutido o parecer sobre a materia, elaborado pelo Dr. De Simoni em Agosto de 1845, foi dada em officio dirigido pela Academia ao conselheiro M. Alves Branco, que então occupava aquelle cargo. Cita os dous ultimos considerandos do parecer (7.º e 8.º) nos quaes se recommenda — a organização de uma estatística exacta dos morpheticos em todo o paiz, para facilitar a solução das questões relativas ao progresso da molestia entre os habitantes, e — impedir quanto antes, sem dependencia de quaesquer outros estudos, a propagação da molestia por herança, pondo em pratica o isolamento dos enfermos, o apartamento dos conjuges, etc.; e extranha com razão, que durante os 37 annos decorridos desde que a Academia propoz aquellas duas medidas urgentes, o governo, que instava por uma decisão, nada tenha feito nem dito sobre tão grave assumpto!

O auctor não descobre a causa d'este procedimento, na ver-

dade inexplicavel, nem mesmo no numero de lazarus apparentemente menor que se veem hoje, por que elles procuram occultar a sua desgraça para evitarem outra maior, — a prisão decorada com o nome de asylo.

No restante d'este capitulo faz considerações sobre o direito que reconhece na sociedade de restringir a liberdade, dos elephantiacos no sentido de não procrearem outros infelizes como elles, isolando-os, mas de modo que se não exceda o fim que se deseja conseguir, garantindo e preservando a sociedade, e respeitando quanto for possivel a natureza e os seus direitos. « Assim, diz elle, supprime-se o doente, mas fica o homem, que será apenas privado de uma das suas funcções »

Esta questão é mais detidamente considerada em outro lugar do seu livro, onde veremos como elle discute a questão de — sequestro. —

V

A frequencia da elephantiase no Brazil mereceu ao Dr. José Lourenço particular cuidado, e foi talvez a parte mais difficil do seu trabalho. É quasi certo que ainda mesmo quando lhe fosse materialmente possivel percorrer todo o imperio em procura de dados estatisticos não os encontraria muito mais numerosos e aproximados da exactidão do que os obtidos por meio de solicitações e pedidos que fez a collegas e a pessoas esclarecidas de diversas localidades do paiz. As informações obtidas por este meio (e na falta de estatisticas officiaes era o unico possivel) não podem offerecer mais do que uma probabilidade, pouco segura ainda assim, sobre a distribuição e frequencia da molestia em cada provincia.

Se os auctores estrangeiros citados pelo Dr. José Lourenço, e a estes poderia accrescentar outros, consideram a elephantiase frequentissima no Brazil, e até mais frequente do que em qualquer outro paiz, é certo, como reconhece o auctor, que nos faltam os elementos indispensaveis para contestar com vanta-

gem aquella pouco lisongeira affirmativa; faltam-nos os factos, a estatística.

As informações colhidas pelo Dr. José Lourenço, com quanto não possam, infelizmente, annullar a severa imputação que pesa sobre o nosso paiz, de possuir mais elephantiacos do que qualquer outro, não são todavia inúteis; pelo contrario, constituem os melhores, e podemos dizer, os unicos materiaes que possuímos para esse fim, e sel-o-hão talvez ainda por muitos annos, a julgar pelo que sabemos da indifferença hereditaria dos nossos governos em tudo quanto interessa ás questões de hygiene publica das provincias. Derivadas quasi todas de origem profissional, essas informações teem o valor que lhes dá a competencia dos clinicos a quem a molestia é familiar ou notoria nas localidades onde residem.

Mas, uma vez que o Dr. José Lourenço fez intervir no seu inquerito pessoas extranhas á profissão, que occupavam logares na alta administração e na magistratura de algumas provincias, cremos que teria augmentado a somma dos esclarecimentos e dos testemunhos adquiridos dirigindo-se tambem aos parochos, alguns dos quaes poderiam até fornecer uma relação numerica dos casos notorios e confirmados de elephantiasse existentes em suas respectivas freguezias, e declarar se elles já foram, ou são ahi agora mais frequentes.

Em muitíssimas parochias do imperio não se encontra um só facultativo; mas ha sempre alli um pastor que conhece mais ou menos o seu rebanho; pois não seria possivel que as authoridades religiosas superiores, fazendo causa commum connosco a bem da humanidade, obtivessem dos parochos de suas respectivas jurisdicções aquillo que a administração civil não julgou ainda opportuno tentar ao menos conseguir pelos meios de que dispõem, isto é, uma estatística approximada dos elephantiacos existentes no Brazil? Cremos que valeria a pena ensaiar este recurso, na certeza de que a profissão medica, ou alguns de seus membros, interessados em estudar os meios de

melhorar a sorte de tantos infelizes proscriptos da sociedade, não invocariam em vão o efficaz auxilio dos prelados brasileiros.

Mas contentemo-nos por agora com o que poudé conseguir o Dr. José Lourenço em relação á frequencia da elephantiasse nas diversas provincias do Brazil. Não se trata aqui, como seria para desejar, de comparar numeros; a tanto não chegaram as suas investigações; mas simplesmente de estimativas mais ou menos vagas, ou baseadas na observação ou experiencia pessoal de cada informante.

Assim, a molestia é rara ou pouco frequente nas provincias do Amazonas, Piahy, Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Goyaz, Mato Grosso, S. Pedro do Sul, Santa Catharina, e Paraná.

É frequente nas do Pará, Maranhão, Minas Geraes, e mais do que em qualquer outra na de S. Paulo.

Como se vê, allude-se aqui apenas a uma frequencia relativa, e ainda assim em cada provincia ha localidades mais infestadas pela molestia do que outras, e algumas totalmente isentas d'ella.

Em relação á provincia da Bahia as informações que tem o auctor foram fornecidas pelo nosso collega Dr. Pacifico Pereira, e com as quaes inteiramente nos conformamos, acceitando cmo verdadeiro o seu testemunho de que o numero de morpheticos diminue geralmente aqui na capital como em toda a provincia.

A ilha, e principalmente a villa de Itaparica teve por muitos annos a má reputação de ser um foco de elephantiacos, e de fornecer ao nosso hospital dos Lazaros um crescido contingente d'elles; assim foi, com effeito, e por isso insistiu o autor em pedir ao Dr. Pacifico informações especiaes sobre esta localidade; este collega manteve aquella affirmativa referente a toda a provincia, dizendo que na ilha os casos tendiam a diminuir.

A respeito de Itaparica não é fóra de proposito mencionar uma circumstancia: é que a frequencia notavel da elephantiasse alli era attribuida ao uso da carne de baleia como alimento da população pobre; ora, ha cerca de quinze annos que a pesca d'aquelle cetaceo tem diminuido progressivamente em nosso

porto; e a respeito da actual frequencia da molestia na ilha em geral não podemos dar noticia exacta, mas na villa em particular, segundo o testemunho auctorisado do respectivo vigario, veneravel ancião de 80 annos, sabemos que existe actualmente apenas *um* doente de elephantiasse, molestia que, segundo aquelle sacerdote, foi por longos annos frequentissima entre os seus parochianos, especialmente os da classe menos favorecida da fortuna, que faziam uso habitual de peixe, e da carne de baleia particularmente.

VI

No 3º capitulo occupa-se o Dr. José Lourenço com os hospitaes ou asylos de lazarus, ou como antigamente se dizia *gafarias*.

Em algumas bellas paginas consagradas ao aspecto sentimental e moral do assumpto, allude o auctor á repugnancia que inspiram na sociedade os elephantiacos, aos tempos de ignorancia e barbaria em que se lhes via estampado na face o estigma de crimes imaginarios, mas punidos pela justiça divina que a superstição, por julgal-a insufficiente, chegou a punir tambem com a fogueira; e distingue o modo diverso por que aquelles infelizes são considerados ainda hoje pelo publico em geral que vê n'elles creaturas hediondas, aszuerosas e repulsivas, e pelos profissionaes que os devem considerar desditosos enfermos que teem direito a pedir-lhes remedio para o seu mal.

« Os morfeticos, diz elle, muito mais soffrem da sociedade onde são constrangidos a viver, do que da sua enfermidade ».

E antes havia dito: « nós, os medicos, não julgamos das molestias pelas impressões que nos transmittem os sentidos; o nosso pensamento gira em torno da curabilidade ou não curabilidade do mal ».

Entrando no historico dos asylos de lazarus começa o auctor por declarar, que no regimen colonial houve mais solicitude para reprimir a elephantiasse do que depois da independencia do

Brazil até agora, e que essa diligencia empregada pelos antigos governadores tinha por movel principal a crença no contagio da molestia, como se infere de documentos officiaes contemporaneos (de 1763 e 1793). Mas se os successivos governos do Brazil independente não participavam da mesma crença, e afrouxaram as medidas repressivas (isolamento e reclusão), é certo que não cogitaram de obstar a outro modo de transmissão, e esse incontestavel, a herança.

E se a incuria pode até certo ponto merecer desculpa no primeiro caso, não está o auctor disposto a concedel-a no segundo, porquanto julga que a attenuante de tal incuria só seria admissivel no caso de ser só o contagio o modo de propagação da molestia.

Foi ainda no tempo colonial que se estabeleceram os asylos de lazarus no Rio de Janeiro, Bahia, Minas-Geraes, S. Paulo, Pernambuco e Pará. Depois da independencia foram fundados os da capital do Maranhão, de Cuyabá, Piracicaba e Campiñas.

O auctor exprime-se, em geral, desfavoravelmente em relação a estes hospitaes e asylos, não só pelo systema de reclusão adoptado, como pelas más condições hygienicas e insufficiencia de meios de sustentação de alguns, pelo deficiente serviço clinico de outros, e lamenta a pouca attenção que nos tem merecido estes estabelecimentos. Tendo percorrido quasi todos os relatorios do ministerio do imperio, aonde pouco encontrou com referencia á elephantiaze, faz a seguinte desanimadora declaração:

« Quanto a providencias em ordem a evitar o desenvolvimento da morféa no Brazil, nada encontrei: nenhuma idéa, nenhum projecto, nenhuma intenção. Eis a triste verdade ».

(Continua).